

ESTAÇÃO ANTÁRTICA COMANDANTE FERRAZ

Edison Martins*

40 anos

A certidão registra o nascimento no dia 6 de fevereiro de 1984, às 10 horas. Mas, como é natural, a gestação começou nove meses antes, em maio de 1983, ordenada, incentivada e enormemente apoiada pelo “avô”, carinhosamente conhecido como “velho Max”, patriarca de uma grande família. Foi ele também quem determinou aos “tios” do futuro bebê, chamados de ODS (Órgãos de Direção Setorial), que colaborassem com tudo que fosse solicitado pelos pais. Estes, integrantes da então pequena Secretaria da Comissão Interministerial para os Recursos do Mar (SECIRM), eram poucos para dar conta da enormidade de tarefas decorrentes, uma vez que o enxoval do bebê seria complexo, demandando até um berçinho de aço, ou melhor, uma balsa de aço, para o transporte ao local do parto. Os pais convidaram



Ministro Maximiano, o “avô”



O berço e o carrinho. Ao fundo, o “Barão de Teffé”, a “incubadora”

também vários padrinhos de fora da família, que gentilmente contribuíram com doações para aquele rol de necessidades. Até mesmo o carrinho, na verdade um trator especialmente preparado, fundamental para o processo, foi emprestado. Concluída a fertilização “*in vitro*”, foi escolhida a barriga de aluguel lá no interior de São Paulo, em Botucatu. Seu nome era SAEF (Sociedade Anônima de Equipamentos Ferroviários) e foi lá que o embrião tomou forma.

Os meses foram passando e os atribulados genitores, envolvidos com um sem-fim de preparativos, não viam a hora de a criança nascer. Era uma expectativa que misturava ansiedade, esperança e medo de nada dar certo, o que, sem dúvida, implicaria cabeças rolando. Finalizado o desenvolvimento no útero, o feto foi transferido, nos últimos dias de dezembro, para uma incubadora colorida de vermelho e creme, chamada “Barão de Teffé”, que o levaria para longe do escaldante verão brasileiro. O nascimento se daria em local ainda incerto, mas seguramente gelado. O deslocamento foi acompanhado da maior parte da equipe médica, que cuidou para que a criancinha fosse bem amparada na viagem, já que metade dos parteiros, por falta de espaço na incubadora, seguiria de avião.

Na região escolhida, o local adequado foi procurado durante uma semana, até ser encontrada linda enseada em baía protegida, reunindo todos os parâmetros para o parto de sucesso, que demorou onze dias. Não foi fácil, pois às vezes chovia, ou nevava, ou ventava, e o trabalho era extenuante. Os parteiros, doze ao todo, seis militares e seis civis, a maioria vendo o bebê pela primeira vez, foram incansáveis para colocá-lo em posição confortável e segura. Contaram com o imprescindível e enorme apoio do pessoal da incubadora, que proveu o desembarque e o transporte na balsa até a praia de cascalho, de onde o trator assumiria o

restante do deslocamento. Eram eles que também alimentavam os pobres e fatigados parteiros, que faziam tudo sozinhos, quase sem descanso e sem o concurso de equipe profissional especializada para a tarefa. No entanto, sem qualquer dúvida, foi um privilégio para quem lá estava.

E, finalmente, na manhã do dia 6 de fevereiro ela se deu à luz ao som do apito marinho no içamento do pavilhão nacional, debaixo de neve rala e do céu meio encoberto. O nome escolhido foi Estação Antártica Comandante Ferraz (EACF).

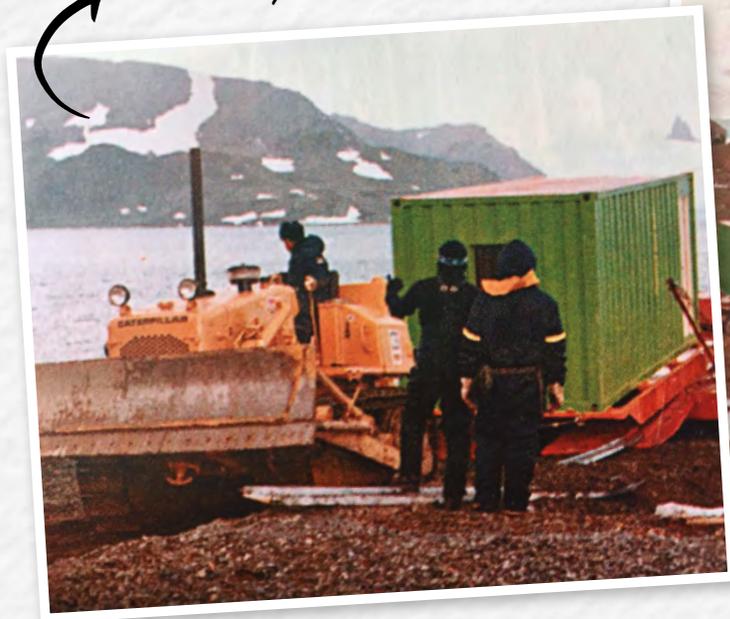
Foi um nascimento festivo, com a presença de familiares, imprensa e novos amigos vizinhos. O “avô” foi formalmente participado do nascimento às 14 horas, assim como toda a parentada e a comunidade estrangeira à qual se integrava.

Apesar da satisfação e da alegria reinante, não podemos dizer que se tratava de um bebê bonito e totalmente saudável. Era pequeno e feinho, com algumas mazelas, mas com espírito potente e inquebrantável, forjado em pouco tempo.

Após trinta e três dias, já estável e segura nas mãos dos doze parteiros, que passaram a ser seus cuidadores, a criança foi deixada sozinha até que outra turma viesse, meses depois, para transformá-la em adolescente, maior, mais robusta e capaz.

A criança quase pronta

O início do parto



*A Tripulação pioneira,
os "parteiros"*

E assim aconteceu seu crescimento por quase três décadas. Foi aprimorada, passou por harmonizações faciais e outros processos reparadores. Tornou-se uma bela mulher. Lamentavelmente, sofreu um acidente grave em 2012. Mas a grande família agiu com rapidez e abnegação. Nova, mas provisória, estrutura (os MAE – Módulos Antárticos Emergenciais) foi instalada, mantendo sua alma vibrante. Finalmente, em 2020, renasceu qual uma fênix de fantástica e avançada beleza. Agora, aos quarenta anos, a jovem senhora, moderna e esbanjando tecnologia, deslumbra quem a conhece. Que Deus a proteja para permanecer assim.

Fui um dos participantes dessa história, mas apenas um dos pais e chefe dos parteiros, pois nada seria possível sem o concurso da grande família naval e dos vários padrinhos que ajudaram na empreitada. De fato, como disse o meu suces-



sor como Chefe da EACF em 1985, o saudoso Comandante Ermel, “nós fizemos quando ainda ninguém sabia como fazer”. O sucesso perdura até hoje, assim como uma enorme dose de sorte para a sua concretização. Todos são, portanto, merecedores de homenagens pelo feito, particularmente os integrantes da minha tripulação pioneira, três dos quais não estão mais entre nós.

Que o sopro dos ventos gelados, onde flutua o magnífico albatroz, continue fazendo bem aos antárticos de hoje e aos de amanhã, assim como foi benéfico aos antárticos do passado.

Viva o Brasil, viva a Marinha do Brasil, viva a Estação Antártica Comandante Ferraz! ■



*Material de divulgação da
Marinha do Brasil alusivo
aos 40 anos da Estação
Antártica Comandante Ferraz*

* Capitão de Mar e Guerra (Refº-FN), primeiro chefe da Estação Antártica Comandante Ferraz